

ARTIGOS

CORPOS SEM PÁTRIA? CINEMA E MIGRAÇÕES

Nilda Alves¹

Rebeca Brandão²

Resumo: O texto se refere a uma pesquisa em desenvolvimento que ‘usa’ filmes acerca de migrações humanas em ‘conversas’ com docentes e discentes com a possibilidade de fazer surgir modos de pensar a migração e ‘*praticarpensar*’ ações curriculares que incorporem esta questão. Em torno da ideia de criação de ‘*conhecimentossignificações*’ em redes educativas múltiplas, o projeto busca compreender como este modo artístico universal que é o cinema pode ajudar nesses processos.

Palavras-chave: Redes educativas; personagens conceituais; migrações.

Abstract: The text refers to a developing research that ‘uses’ films about human migrations in ‘conversations’ with teachers and students with the possibility of raising ways to think and to practice curricular actions that incorporate this issue. Around the idea of creating ‘*knowledges*’ in multiple educational networks, the project seeks to understand how the cinema’s universal artistic mode can help in these processes.

Keywords: Educational networks; conceptual characters; migrations.

Através de diferentes filmes – neste trabalho, “Em busca do ouro”, Chaplin, 1925, EUA; “Vinhas da ira”, John Ford, 1940, EUA; “Pão e rosas”, Ken Loach, 2000, coprodução França, Reino Unido, Espanha, Alemanha e Suíça; “Seis lições de desenho”, Kentridge, 2014, EUA e África do Sul – estamos tratando das razões porque se dão as migrações humanas, do começo do cinema ao nosso tempo, com o objetivo de perceber, em escolas, através de ‘conversas’ com docentes e discentes, como esses movimentos se transformam em questões curriculares³. Interessa-nos os diferentes modos como os corpos migrantes acontecem nas novas terras a que chegam e as táticas que adotam para: continuarem os mesmos, mantendo aspectos culturais importantes (língua, alimentação, laços familiares, etc.); se invisibilizarem no que serve às forças repressoras que pretendem “enquadrá-los na lei”; criarem ‘*práticspensamentos*’⁴ novos para atuar na cidade/região em que estão; conseguirem ajuda para abrigo e documentação; aprenderem a nova língua. E, por outro lado, como são recebidos, contatados, vistos, ajudados ou transformados em “o outro perigoso”, pelos que têm aquelas terras como suas.

Compreendemos que, nos cotidianos em que vivemos, formamos inúmeras redes educativas nas quais nos formamos de modo rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 1995), em trocas diversas

¹ Professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (aposentada), hoje contratada como Pesquisadora convidada do Programa de Pós-graduação em Educação/UERJ. Pesquisadora 1 A/CNPq. E-mail: nildag.alves@gmail.com.

² Doutoranda no ProPEd/UERJ e professora da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. E-mail: rebecasbr@gmail.com.

³ O projeto em questão tem por título “Processos curriculares e movimentos migratórios: os modos como questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas”. Conta com financiamento CNPq, FAPERJ e UERJ e tem duração de 2017 a 2022.

⁴ No transcorrer deste texto, inúmeros são os termos assim escritos – reunidos, em itálico e com aspas. Há muito, temos usado estes termos assim, por considerar que as dicotomias necessárias à criação das ciências na Modernidade se transformaram em limites ao que precisamos pesquisar e criar na corrente de pesquisa a que nos filiamos: pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

e múltiplas relações com outros seres humanos e artefatos culturais múltiplos (de ideologias e crenças a produtos tecnológicos). Essas trocas e relações dependem do tipo de rede em que nos encontramos e que temos identificado como de *'prácticasteorias'* já que são exercidas por seres humanos com outros seres humanos e múltiplos artefatos, criando, permanentemente, *'conhecimentossignificações'*. Temos trabalhado, há algum tempo, com as seguintes redes educativas: a das *'prácticasteorias'* da formação acadêmica; a das *'prácticasteorias'* pedagógicas cotidianas; a das *'prácticasteorias'* das políticas de governo; a das *'prácticasteorias'* coletivas dos movimentos sociais; a das *'prácticasteorias'* de criação e uso das artes; a das *'prácticasteorias'* das pesquisas em educação; a das *'prácticasteorias'* de produção e *'usos'* de mídias; a das *'prácticasteorias'* de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas.

Nesse sentido, para compreendermos os processos por que passam docentes e discentes na criação de currículos precisamos criar condições de problematizar os modos como os *'conhecimentossignificações'* são trançados nestas múltiplas e complexas redes. Criamos, assim, com esta que é uma mais aguda situação da atualidade – a migração – a possibilidade de criar cineclubes nos quais pudéssemos ver/ouvir/sentir filmes junto a esses *'praticantespensantes'* nas escolas e conversássemos, em seguida, sobre aquilo que se desenvolve nos filmes e os significados que tem em sua vida e nos processos escolares. Isso nos permite compreender as referências que fazem na tessitura rizomática da questão, envolvendo os diferentes *'conhecimentossignificações'* que trazem das redes educativas nas quais estão envolvidos.

Essas *'conversas'* – registradas em vídeo – nos permitem compreender os múltiplos e complexos fluxos culturais presentes nestas redes e que entram e saem dos *'espaçostempos'* escolares “encarnados” nos seres humanos nos movimentos que fazem *'dentrofora'* delas e nas relações que estabelecem entre elas, permitindo trocas, instalando medos, fazendo surgir processos de hibridismo cultural.

Presente em toda a história humana, os movimentos migratórios – o que permite a existência de memórias familiares e comunitárias diversas – vêm ganhando grande ênfase na atualidade, fazendo constante aparecimento nas mídias, em políticas de governo, em criações artísticas, etc. Além disso, as desconfianças – que muitas vezes chegam ao ódio explicitado – ao diferente que surgem com os intensos movimentos migratórios populacionais atuais têm exigido intervenções criadoras, uma vez que boa parte desses migrantes são crianças e jovens, o que exige pensar em como as escolas os recebem.

Sobre migrações e contatos entre povos e seres humanos:

Los permanentes homenajes a La diversidad cultural que encontramos hoy, no sólo de parte de los gobiernos y las instituciones públicas internacionales, sino también de organizaciones del ámbito empresarial de las industrias culturales, son inversamente propocionales a lo que sucede em el plano de las políticas que protegen y estimulan esa diversidad. Pues todo, o casi todo, queda en aquellos niveles de decisión a los que ni tienen acceso los actores del plano local ni se cuenta com verdaderos mediadores de lo mundial. Cuendo donde hoy se juega la supervivencia de la diversidad es en una nueva institucionalidad mundial de lo cultural que sea capaz de interpelar a los organismos globales. Nueva institucionalidad que sólo surgirá de um nuevo tipo de relación com la, hasta ahora pretendidamente única “relación fundante”, la de la cultura com el Estado/nación. No se trata, claro está, de sustituir al Estado sino de reinsituir lo o reinstitucionalizar lo ciudadanamente en términos de interacción com la iniciativa de las comunidades locales y de interpelación a los nuevos actores mundiales (MARTIN-BARBERO, 2007).

A possibilidade para o grupo de pesquisa de começar a discutir, ainda internamente, a difusão rizomática desta questão pelas redes educativas se deu na visualização da primeira das seis conferências do artista sul-africano William Kentridge proferidas na Universidade de Harvard, no *Charles Eliot Norton Professorship in Poetry*. Nessa primeira conferência, cujo título é “Elogio das sombras”, ele apresenta sua obra na qual uma multidão de seres humanos anda sem parar tendo quase que somente os pés como forma de ir além, como ele nos faz notar. Este movimento incessante nos permite perceber, também, os movimentos que ele desenvolve na criação de suas obras e que foi se destacando nas outras conferências que pronunciou.

Atravessam os séculos, com características diversas e, na contemporaneidade tendo a ver com a exploração dos seres humanos – em especial quando a quantidade de empregos diminui –, com as guerras que se desenvolvem entre nações e intra-povos ou etnias ou religiões que garantem a venda de armas (setor altamente lucrativo) e que se aproveitam de diferenças locais para se desenvolverem. Além disso, é preciso lembrar, por mudanças climáticas que têm a ver com a exploração feroz e veloz dos ‘*espaçostempos*’ terrestres. Essa situação é assim descrita por Virilio (2009):

Últimas notícias. Em 2008, trinta e seis milhões de pessoas foram deslocados de seu lugar de origem, por razões climáticas, catástrofes naturais, conflitos. Um bilhão de pessoas estão previstas para os próximos cinquenta anos. Um bilhão de pessoas que vão se movimentar. Toda a situação do mundo vai ser perturbada. Perturbada pela crise de localização. As sociedades antigas estavam inscritas em um território, a terra natal⁵. Hoje, elas estão à deriva por razão de deslocalização do emprego, por causa de conflitos que não acabam nunca. E, também, evidentemente, pela grande questão climática: o desaparecimento de arquipélagos, a submersão de litorais. É toda a história que se coloca a andar. É toda a história que se joga na estrada. Um bilhão de pessoas que se movem em meio século, nunca existiu antes (p. 7).

A grandeza desta quantidade nos garante que todos nós pelos tantos mundos existentes hoje em nosso mundo (AUGÉ, 1997; ALVES, 2014) precisamos nos perguntar sobre as mudanças que teremos que fazer nos processos que neles ocorrem. As tantas redes educativas que formamos e que nos formam nas relações com os outros seres humanos estão, pois, em questionamento e, nesse sentido, nos exigem pensar, em especial, nos tantos jovens e crianças que precisarão receber Educação sistematizada nos país a que chegarem, aprendendo: outra língua, outros costumes, outras formas de vestir, morar, se alimentar, além de modos de sentir e de amar, de brincar e festejar. E com que hibridismos, pela sua contribuição, irão se estabelecer novas identidades nas populações que recebem estas levadas migratórias, pelos diferentes contatos e relações que teremos/estamos tendo? Como mudaremos/com tantas coisas? Nós todos... Como educar tanta gente nestas questões? Nós todos...

Novas terras surgem por toda a parte com esses movimentos permitindo/exigindo a criação de novos ‘*conhecimentossignificações*’ para o que vai sendo criado nos tantos e diferentes contatos que vamos estabelecendo.

⁵ Entendemos que há aqui uma visão eurocêntrica do autor. As migrações fizeram parte das classes mais pobres durante todos os períodos de crise do capitalismo. Esqueceu-se também que a Modernidade se instalou com a morte e as transferências locais de povos que habitavam o que os europeus fizeram de colônias e mesmo terríveis processos de epistemicídios, como Santos e Menezes (2010) nomearam a morte de ideias, crenças, histórias, modos de relações de povos colonizados. Para não esquecer: o regime escravocrata que levou da África às Américas milhares de seres humanos, atravessando o Atlântico.

As conversas em torno de ver/ouvir/sentir filmes

Com o processo de ver/ouvir/sentir filmes acerca das migrações humanas, com o registro em vídeo das ‘conversas’ tidas imediatamente após esse processo e em conversas quinzenais – realizadas em página restrita no *Facebook* – sobre o que continuamos ‘*pensandesignificando*’ nos dias seguintes à projeção, vamos criando narrativas, selecionando imagens e sons que vão se transformando em ‘personagens conceituais’(DELEUZE; GUATTARI, 1992) na pesquisa.

Buscamos as conversas como estratégia metodológica para provocar o pensamento, para mobilizar as redes de ‘*conhecimentossignificações*’ de docentes e discentes, mas também compreendendo as mesmas como um processo formativo para todos os envolvidos. Por isso, entendemos os cineclubes como processos curriculares, pois também é uma experiência formativa.

No entanto, ressaltamos que aquilo que fazemos nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos não é entrevista, mas sim “conversa”, conforme sugerem Certeau e Giard (2009, p. 338). Porque assim gerimos os tantos cotidianos da existência humana: conversando. Larrosa aborda algumas questões pertinentes sobre as conversas, o que tem nos inspirado a pensar sobre como temos realizado as conversas seguidas das exposições de filmes. Para ele:

nunca se sabe aonde uma conversa pode levar... uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra... e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não se havia previsto... e essa é a maravilha da conversa... que, nela, pode-se chegar e dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não poderia dizer... E, mais ainda, o valor de uma conversa não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo... pelo contrário, uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças... mantendo-as e não as dissolvendo... e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações... e isso é o que a faz interessante... por isso, em uma conversa, não existe nunca a última palavra... (LARROSA, 2003, p. 212-213)

As conversas são, portanto, um emaranhado de fios que tramam diferentes ‘*fazeressaberes*’, ‘*prácticasteorias*’, ‘*conhecimentossignificações*’. Com isso assumimos uma postura “teórico-metodológica-epistemológica” necessariamente ética com aqueles que participam dos processos de se ‘*fazerpensar*’ pesquisas em Educação. Afinal, precisamos assumir que entrar nas escolas respeitosamente e estabelecer relações com aqueles que criam nestes ‘*espaçostempos*’ currículos diversos, em suas ações cotidianas, exige que assumamos que as conversas estabelecidas com esses ‘*praticantespensantes*’ dos cotidianos escolares nos trazem saídas para muitas questões da educação. Com eles fazemos circular ‘*conhecimentossignificações*’ que não circulariam de outra forma, compreendendo este movimento como necessário à criação curricular e às pesquisas acerca delas (CALDAS, 2015).

Durante as conversas surgem, então, o que chamamos de “personagens conceituais”, que entram na pesquisa para indicar que precisamos do “outro” para desenvolver ideias, pensamentos, ‘*conhecimentossignificações*’ outros. Para Deleuze e Guattari (1992)

o personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os “heterônimos” do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. (p. 78).

Assim, consideramos que, nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, aquilo que é produzido num contexto de pesquisa não são “fontes”. São aquilo com que permanecemos muito tempo para desenvolver ideias, teorias, criar ‘*conhecimentossignificações*’.

Para nós, as narrativas dos ‘*praticantespensantes*’, as imagens e os sons diversos nos interrogam o tempo todo sobre o que vamos percebendo nos processos que desenvolvemos, permitindo surgir novos ‘*conhecimentossignificações*’ sobre as questões que colocamos. Com os “personagens conceituais”⁶ adquirimos a possibilidade de perceber, no que conversamos com docentes e discentes, a presença das tantas redes em que estão envolvidos e como se relacionam na vida de cada um deles e nos processos curriculares por que transitam nas escolas.

Assim, nos filmes citados e que foram vistos/ouvidos/sentidos inicialmente pelo grupo de pesquisa foi sendo possível identificar a origem desses ‘*conhecimentossignificações*’ “rizomáticos” com as referências feitas às tantas redes educativas de que fazemos parte, nas conversas que, retomando Larrosa, sustentam “a tensão entre as diferenças” (2003, p. 213).

Conversas online com docentes sobre migrações humanas e questões metodológicas

O artigo “Refugiados globais” de Philippe Rekacewicz (2008) publicado no jornal *Le Monde Diplomatique Brasil* foi o mote da conversa tecida em onze de janeiro de 2018, no *chat* do *Facebook*. Nesta conversa participaram os membros do Grupo de Pesquisa “Redes educativas, currículos e imagens”: Maria Moraes, Virgínia Louzada, Noale Toja, Joana Ribeiro, Rebeca Brandão, Marco Aurélio, Brenda Coutinho, Izadora Agueda, Cláudia Chagas.

Rekacewicz ressalta que a estrutura e logística necessária ao atendimento/recepção de refugiados requer muita organização e planejamento, além de recursos financeiros e humanitários. Seu relato caracteriza, especialmente, um dos motivos de migração: a econômica.

Alguns trechos dessa conversa são retomados, aqui, com o intuito de indicar como se dão as conversas em ambiente online, além trazer alguns fios das redes educativas de professores sobre o tema da migração⁷.

⁶ Buscamos registrá-los na tentativa de “fabricar nossos próprios intercessores”, como nos sugerem Deleuze e Guattari (1992), através de gravações e/ou filmagens de conversas, registros fotográficos, etc como já mencionado.

⁷ Imagens 1 a 10: *print* de conversa online realizada 11 de janeiro de 2018. As imagens da conversa em *chat* dispostas na sequência de 1 a 10 foram sequenciadas de modo temático e não necessariamente cronológico. A fonte dessas imagens é: *Messenger* do *Facebook* do grupo “Laboratório da UERJ”, coordenado por Nilda Alves, de autoria e domínio coletivo e de acesso restrito aos participantes da conversa.

Laboratório UERJ

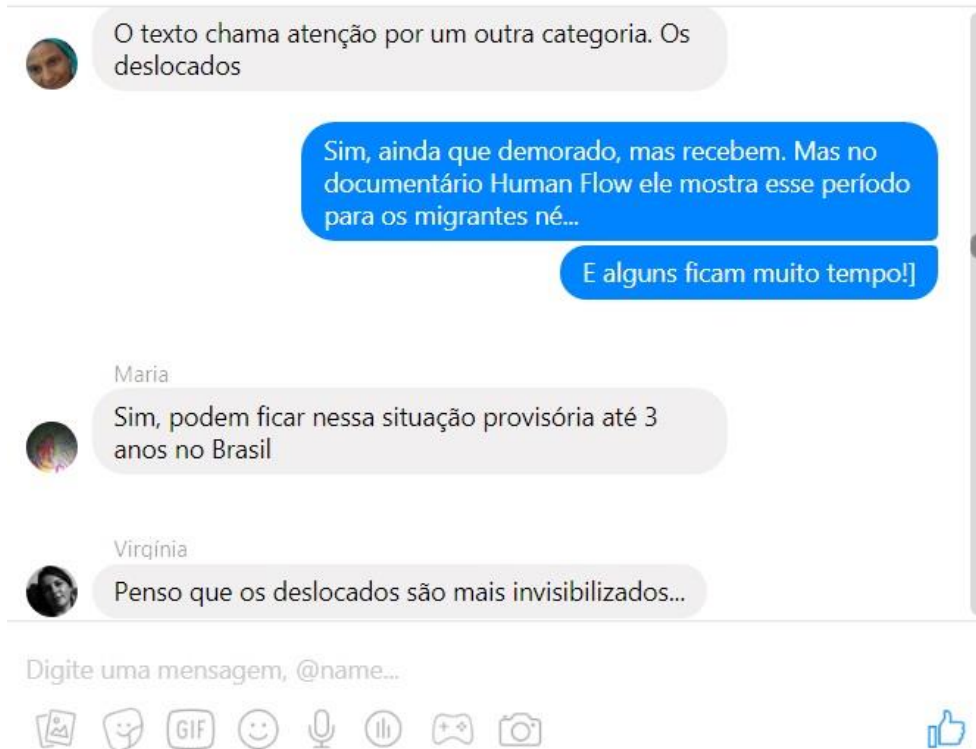


Imagem 1

Laboratório UERJ

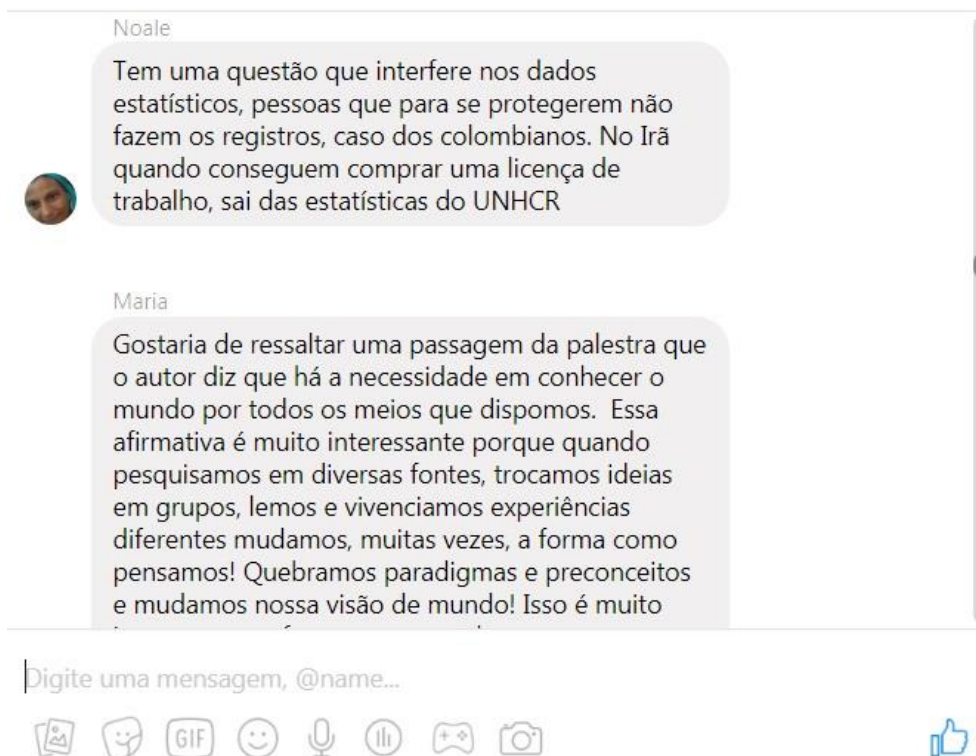


Imagem 2

Laboratório UERJ

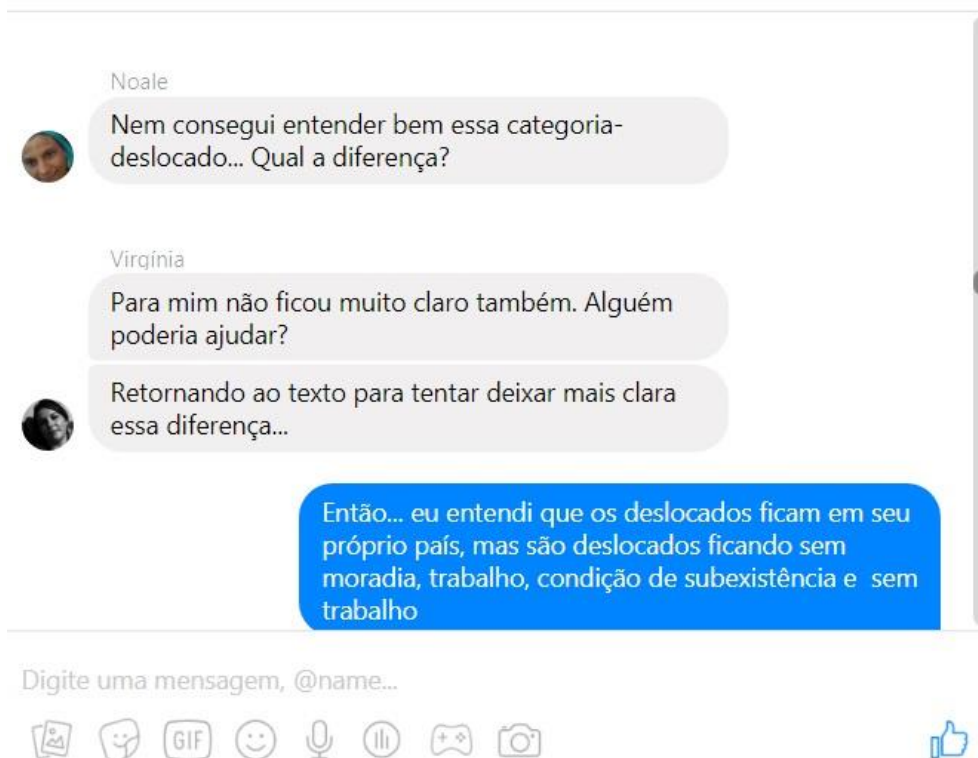


Imagem 3

Laboratório UERJ

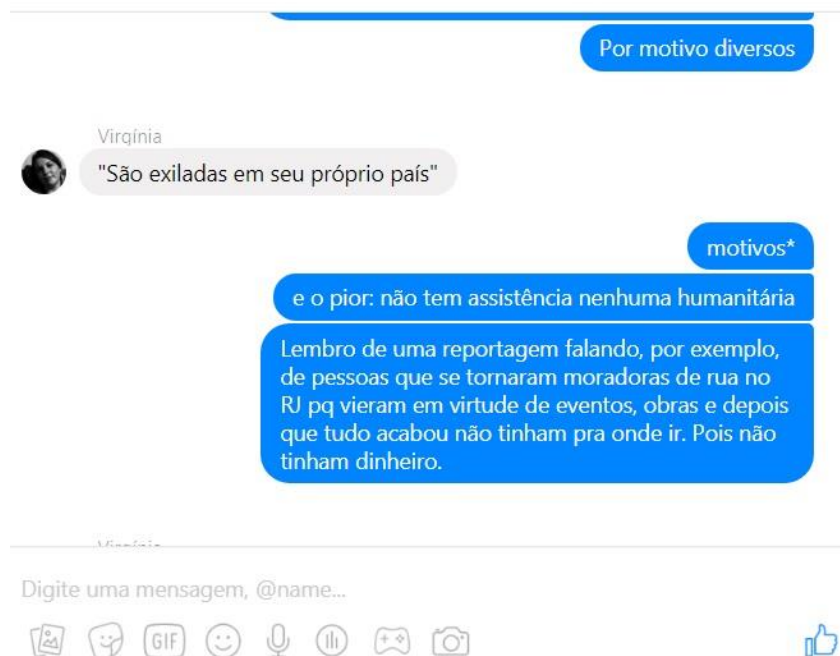


Imagem 4

Laboratório UERJ

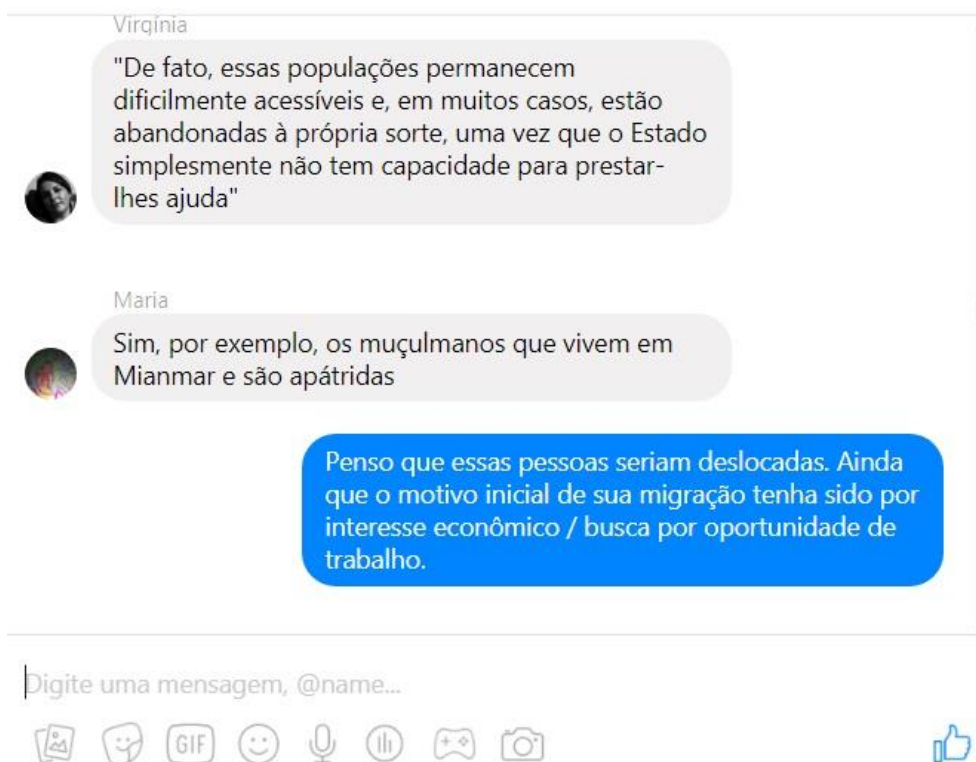


Imagem 5

Laboratório UERJ

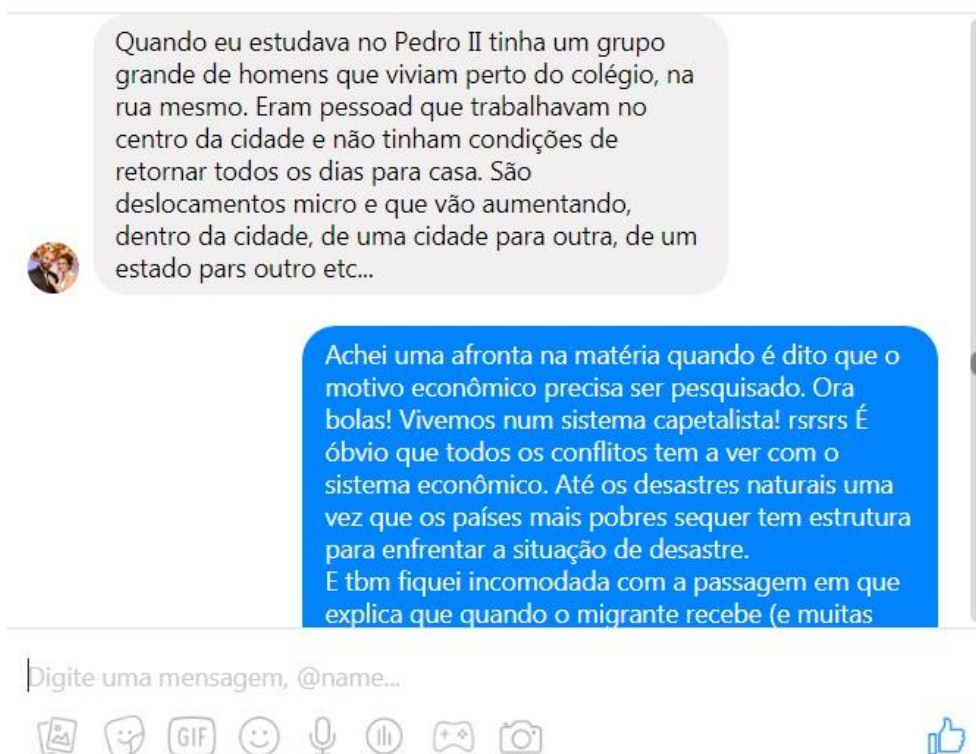


Imagem 6

Laboratório UERJ

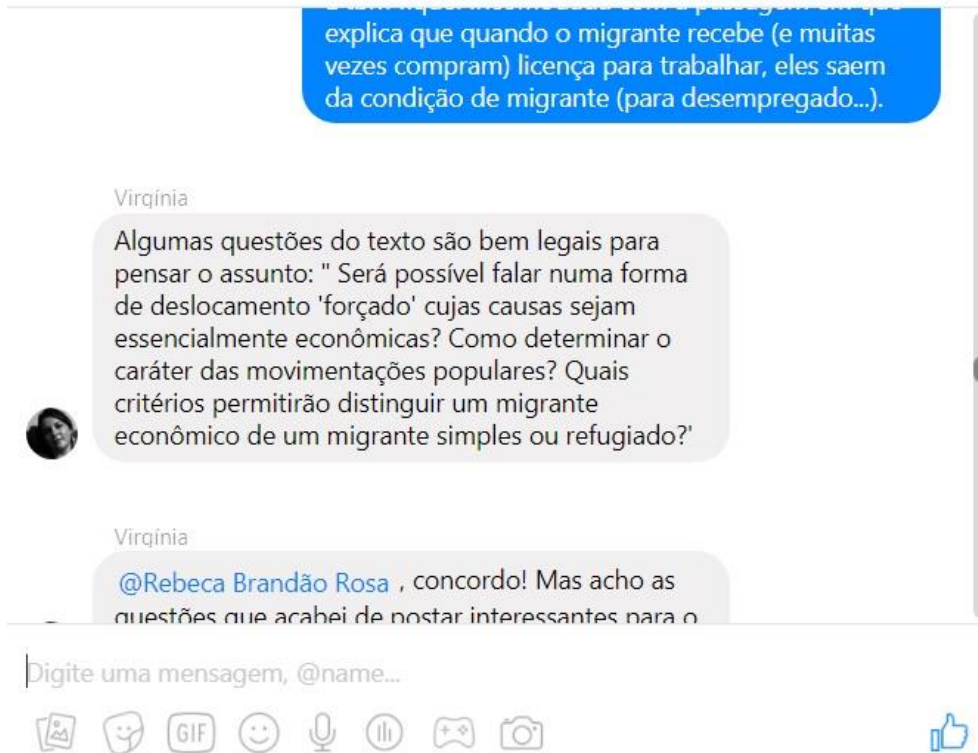


Imagem 7

Laboratório UERJ

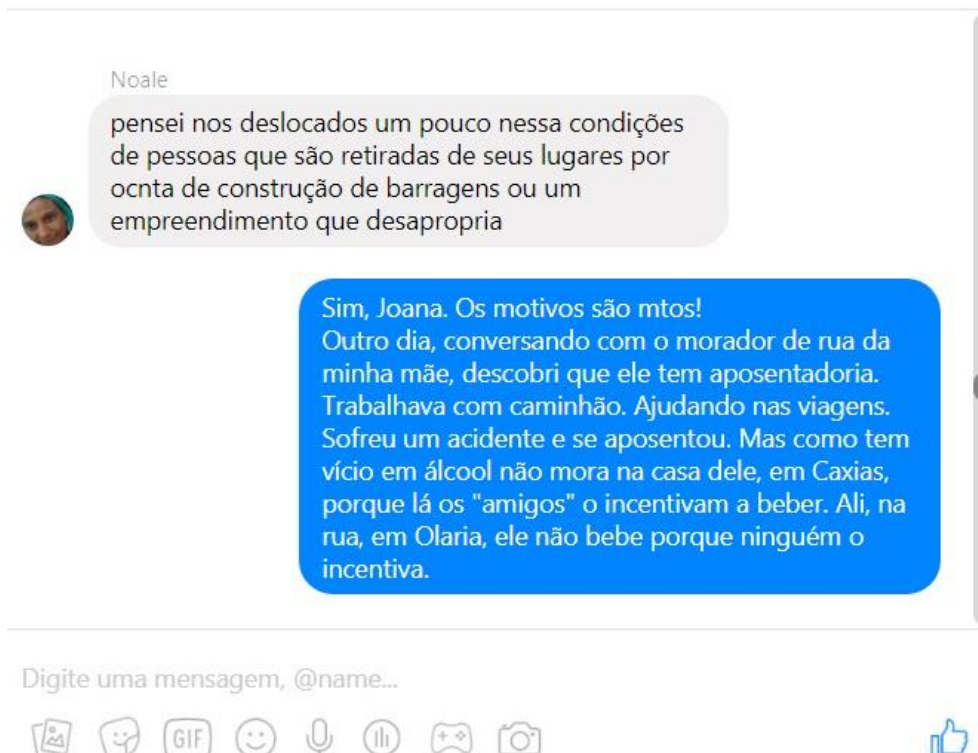


Imagem 8

Laboratório UERJ

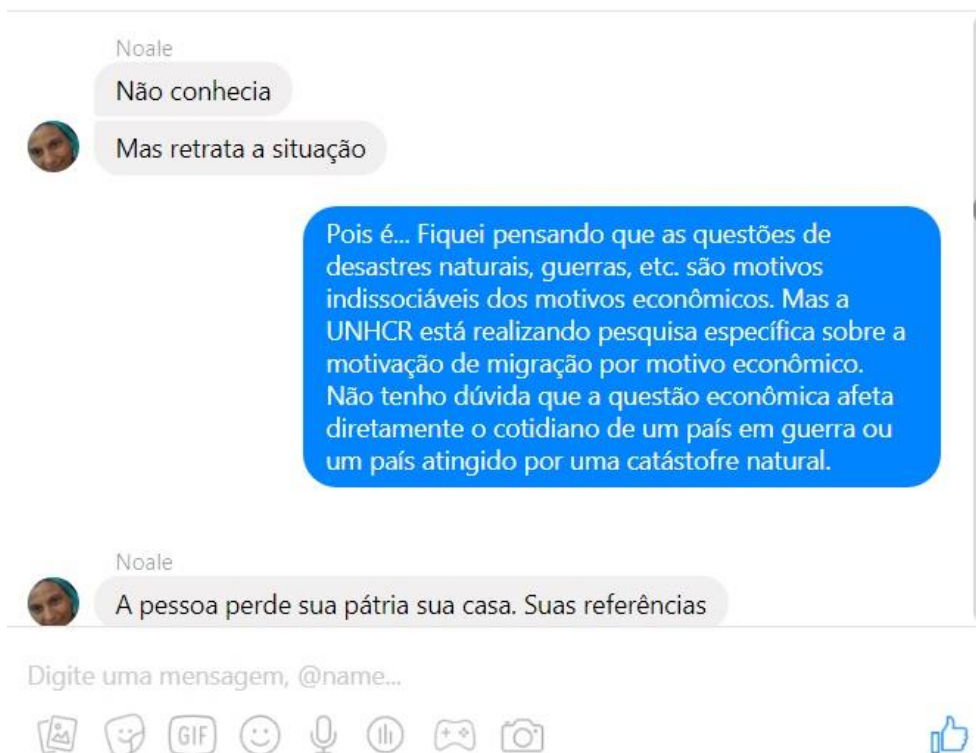


Imagem 9

Laboratório UERJ

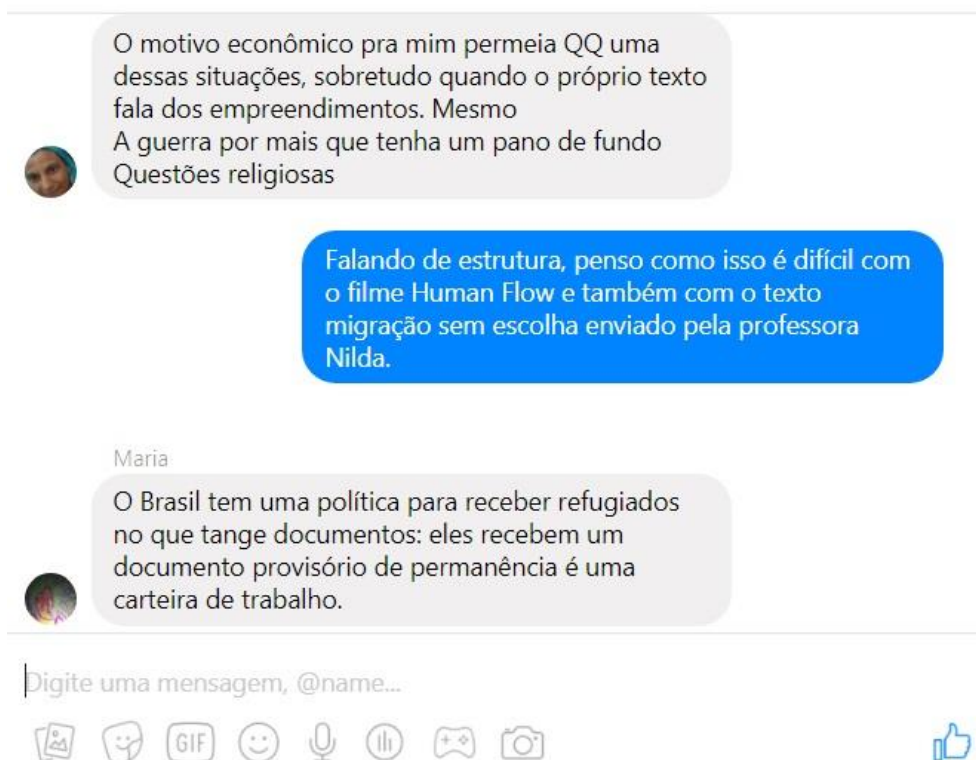


Imagem 10

O emaranhado de ideias que uma conversa pode suscitar é muito rico e diversificado. Puxar os fios deste emaranhado é o que fazemos para tecer outras ideias. Essa conversa nos possibilitou compartilhar muitas dúvidas, histórias de vida, percepções de mundo, notícias, dados etc. Por isso mesmo a tela do *Messenger* com o campo “Digite uma mensagem” permaneceu nessas imagens: devido à certeza de que sempre escrevemos, falamos e/ou ‘fazemos/pensamos’ outras coisas a partir daquilo que ouvimos/lemos em uma conversa, pois somos afetados pelo “outro” e afetamos “outros” através dela – a conversa permite a vivência da alteridade⁸.

Além do texto que discutimos nessa conversa, outras referências atravessaram esse diálogo, como o filme assistido “Vinhas da ira” (direção: John Ford, 1940, EUA), em que uma família é expulsa de sua propriedade rural através da qual sobrevivia e posta a percorrer o país em busca de trabalho, em tempos da grande depressão americana. O grupo, formado por jovens, adultos, velhos e crianças passa por provações de todo o tipo, sendo sujeitas a condições piores das que tinham em Oklahoma, de onde partiram. A película nos permite perceber como as situações degradantes da migração atingem de modo específico cada personagem devido às suas características de gênero, idade, saúde, etc., sendo os velhos, por exemplo, mais suscetíveis à doença, morte ou mais dificuldade de adaptação.

As andanças da família também permitiram vislumbrar as dificuldades de muitas famílias, a quantidade avassaladora de desempregados, mas também saídas possíveis para o caos econômico e social em que o país estava imerso, com táticas de sobrevivência surgindo cotidianamente a cada movimento realizado pelo grupo e por cada um de seus participantes.

O filme “Em busca do ouro” (direção: Chaplin, 1925, EUA) mostra as peripécias de Carlitos em busca de sobrevivência num contexto severo em região de minas de ouro no Alasca, fazendo referência à conhecida “busca do ouro” de 1898. Catalogado como comédia por muitos, o filme apresenta o drama de migrantes em busca de mudança de vida através do garimpo, sujeitando pessoas a condições subumanas.

O filme “Pão e rosas” – (direção: Ken Loach, 2000, França, Reino Unido, Espanha, Alemanha e Suíça) – se passa nos EUA, onde a história é narrada a partir do prisma de uma funcionária mexicana de serviços gerais de uma empresa norte-americana, que terceiriza serviços domésticos de imigrantes ilegais. O diretor que demonstra ter muita sensibilidade para narrar histórias sobre a precarização da vida humana em detrimento do contexto político, social e econômico⁹, em “Pão e rosas”, sumaria todas as situações de intensa precariedade em que vivem estes migrantes em situação ilegal, mas necessários a um tipo de economia, na qual se lucra com o sofrimento de muitos, com horas sem fim de trabalho, com necessidade de se esconderem com frequência da polícia. No entanto, esses personagens se submetem a toda esta situação porque fogem de situações piores em seus países de origem, aos quais enviam dinheiro com o trabalho que fazem.

O artista plástico chinês Ai Weiwei, exilado ele mesmo, nos incita a pensar o tema com o seu “Human Flow: não existe lar se não há para onde ir” (2017, Alemanha). Com esse documentário conseguimos ter de fato o mínimo de aproximação com as questões que passam as pessoas que atravessam fronteiras, que tentam atravessar, que não conseguem sair, que morrem, que passam frio, fome, etc. nas mais diversas situações possíveis que o ato de migrar

⁸As conversas realizadas em ambientes online sugerem desprendimento em relação à norma culta da língua, uma vez que a escrita em ambientes de troca de mensagens instantâneas requer fluidez e agilidade, como é o caso do *Messenger*. Portanto, é com todo o respeito que compartilhamos as narrativas de docentes, pois para além de sua escrita importa considerar sua relevância para os movimentos da pesquisa. Note-se que o uso das tecnologias nos permite supor como a ferramenta de corretor ortográfico e/ou uma troca por uma letra próxima à outra do teclado interfere em nossa escrita e leitura.

⁹ Em trabalho mais recente – “Eu, Daniel Blake” (2017, Reino Unido, França, Bélgica) – Ken Loach nos mostra ainda este mundo precário dos sem trabalho e de trabalhos terceirizados.

pode permitir, levando, muitas vezes, exclusivamente seus corpos, a roupa do corpo e suas tantas lembranças e hábitos. “Human flow” também permite uma apuração de algumas políticas de acolhimento de refugiados, se dedicando a estudar a questão em vinte e três países, tais como: França, Grécia, Alemanha, Iraque, Afeganistão, México, Turquia, Bangladesh e Quênia. A partir desse documentário não dá para não se sensibilizar sobre as questões da migração humana, que nos dias atuais registram os mais elevados números da história.

Puxando alguns fios das redes educativas tecidas em conversa

A conversa que trouxemos nos colocou a pensar acerca das circunstâncias que motivam a migração, o “fluxo humano”, buscando perceber com filmes, textos e conversas, os sofrimentos destes ‘corpos sem pátria’ que circulam em ‘*espaçostempos*’ largos e diferenciados. Rekacewicz (2008) nos instigou a pensar o termo “deslocados” no contexto de políticas de acolhimento. Segundo o mesmo “o mundo ainda conhece melhor a situação dos refugiados que dos deslocados. Obrigadas a abandonarem seu lar, essas pessoas vivem o destino dos emigrantes forçados sem poderem pleitear esse estatuto: estão “exiladas” no seu próprio país” (sem página)¹⁰. Rekacewicz (2008) enumera diversas situações, como perseguição ou violência política, étnica, desastres naturais, construções e demolições de barragens, centros industriais, plantações, etc., dizendo, em relação aos deslocamentos atuais da África e Oriente Médio para a Europa:

Ainda que os migrantes econômicos e os refugiados nem sempre utilizem as mesmas estradas, eles enfrentam os piores perigos nos mesmos lugares, tais como as Ilhas Canárias, Gibraltar, Lampedusa, o mar Egeu, a fronteira ente México e Estados Unidos, a fronteira sul-africana, o Caribe, a Austrália e o golfo de Aden, onde os atravessadores não raro dão demonstrações de crueldade inimagináveis. Será que essas populações são tão distintas assim para que se queira, a todo custo, estabelecer diferenças entre elas? O migrante econômico talvez também não tenha outra escolha senão partir. E, se for assim, por que ele não pode pleitear proteção internacional? (sem página)¹¹.

Esses questionamentos nos levam a considerar a existência de possíveis migrações ou deslocamentos forçados com motivação exclusivamente econômica. No entanto, insistimos em enfatizar que determinadas facetas – especialmente a econômica em contexto de organização mundial majoritariamente capitalista – são indissociáveis de outras categorias, uma vez que conflitos, remoções, perseguições, desastres ambientais, etc. implicam necessariamente na economia de um povo e, por sua vez, em sua própria subsistência, estando ligados à ocupação de espaços mundiais por empresas capitalistas de todo tipo. Se existem deslocamentos em razão unicamente econômica certamente não estamos tratando de povos que são massacrados e oprimidos historicamente, mas sim da lógica de internacionalização dos recursos humanos de corporações e pesquisas que possuem passe livre nas fronteiras de países do chamado “primeiro mundo”.

O que gostaríamos de deixar explícito com isso, apesar de compreender que a categoria a ser sugerida por Rekacewicz “refugiados econômicos” é que, como Chaplin, Loach, Weiwei e Ford explicitaram, as razões econômicas sempre mobilizaram o nosso caminhar atravessando outras, como: a união ou o sustento da família, a preservação da vida e direitos humanos essenciais; a busca por uma vida digna com seus valores, visões de mundo etc. Em resumo: a esperança de encontrar uma pátria na qual seus corpos possam existir mais livre e útilmente.

¹⁰ O trabalho citado está disponível na internet e não tem paginação (<http://diplomatie.org.br/migracao-sem-escolha>).

¹¹ Idem.

Referências

ALVES, Nilda. Os 'mundos culturais' dos docentes. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; BALASSIANO, Ana Luiza Grillo; OLIVEIRA, Anne-Marie Milon (Org.). *Escrita de si, resistência e empoderamento*. Curitiba: CRV, 2014. p. 203-214.

AUGÉ, Marc. *Pour une anthropologie des mondes contemporains*. Paris: Flammarion, 1997.

CALDAS, Alessandra da Costa Barbosa Nunes. *Circulação de ideias em pesquisas com os cotidianos: os necessários contatos entre os 'praticantes pensantes' de currículos*. Tese – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce. Uma ciência prática do singular. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2 - morar cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Os personagens conceituais. In: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 81-109.

_____. Rizoma. In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v.. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p. 15-32.

KENTRIDGE, William. Elogio das sombras. In: KENTRIDGE, William. *Seis lições de desenho*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2014 (CDROM).

LARROSA, Jorge. A arte da conversa. In: SKLIAR, Carlos. *Pedagogia improvável da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 211-216.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Diversidad em convergencia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DIVERSIDADE CULTURAL, 27-29 de junho de 2007, Brasília: Ministério da Cultura, 2007.

REKACEWICZ, Philippe. Refugiados globais: migração sem escolha. *Le Monde Diplomatique Brasil*, n. 15, 1 out. 2008. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/migracao-sem-escolha/>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

VIRILIO, Paul. Préface. In: VIRILIO, Paul; DEPARDON, Raymond et al. *Terre natale – ailleurs commence ici*. Actes Sud. Paris: Fondation Cartier pour l'art contemporain, 2009: 7-8.

Filmes citados

EM BUSCA DO OURO. Dirigido por: Charles Chaplin. Com Charles Chaplin, Mack Swain, Georgia Hale. EUA: 1925. DVD, 112 min., preto e branco, mudo, legendado.

EU, DANIEL BLAKE. Dirigido por: Ken Loach. Com Dave Johns, Hayley Squires, Dylan McKiernan. Reino Unido, França, Bélgica: 2017. 101 min. colorido, legendado.

HUMAN FLOW: NÃO EXISTE LAR SE NÃO HÁ PARA ONDE IR. Dirigido por: Ai Weiwei. Alemanha: 2017. 140 min. colorido, legendado.

VINHAS DA IRA. Dirigido por: John Ford. Com Henry Fonda, Charley Grapewin, Ward Bond. EUA: 1940. DVD, 128 min., preto e branco, legendado.

PÃO E ROSAS. Dirigido por: Ken Loach. Com Adrien Brody, Pilar Padilla, Elpidia Carrillo. Co-produção França, Reino Unido, Espanha, Alemanha e Suíça: 2000. DVD, 112 min., colorido, legendado.